

JAZZ

12 OUTUBRO 2016

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# TROJNIK

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Bateria Vid Drašler **Contrabaixo, eletrónica** Tomaž Grom **Saxofone tenor** Cene Resnik

Qua 12 outubro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## O mundo sem ego

Num dos poemas em forma de haikus do saxofonista tenor Cene Resnik podemos ler: «Que tudo o que eu fizer nesta vida resulte desastrosamente. Desafinem o piano enquanto toco, de maneira a eu soar mal.» Uns versos acima, escreve também: «Com a bênção do Buda, possa eu nunca vir a ser feliz e contente.» Não se trata de masoquismo; o músico esloveno acredita que só assim pode contrariar o mais negativo dos fatores não só para criar música improvisada como para viver, não sendo a vida outra coisa senão uma improvisação no dia-a-dia: o ego. Tendências do jazz como o *hard bop* e o *free*, aquelas que Resnik sintetiza no seu pessoal estilo, sempre pecaram pelo excesso de ego, por vezes mesmo chegando ao extremo do exibicionismo virtuosístico.

Este budista Zen de Ljubljana quer praticar um jazz que não seja egoísta, que tenha outros parâmetros e desenlaces. «Romper com o ego e com os seus leais servos / É romper com todos os tipos de distração», ver-seja ainda. Será por isso, com certeza, que a crítica não sabe muito bem como definir a música do trio Trojnik – uns apontam-na como «pós-*free jazz*», outros admitem que aquilo que Resnik e os seus parceiros, Tomaž Grom e Vid Drašler, estão a construir é uma outra e nova música. O mais não seja, e como já ficou demonstrado quando se inventou a designação “pós-rock” (fê-lo a revista britânica *The Wire*, conhecida por gostar de carimbos e os aplicar a torto e a direito, não sem cair em algum

ridículo), porque um rótulo deste modo prefixado não anuncia realmente algo que se siga aos tais *free jazz* e rock, mas sim que um e o outro continuam, só que por outra via. O pós-rock não fez mais do que reinventar o rock e o mesmo vai acontecendo com o pós-*free jazz*, este tornado apenas num ressurgimento do *free* original segundo as coordenadas da atualidade, ou nem isso.

Não é tal coisa, de todo, o que os Trojnik nos dão a ouvir. O seu caminho faz-se na linha divisória entre a *old school* e a *new school* da improvisação, entre a lógica do fraseado e a produção de texturas, entre modalismos e puro ruído. Será isso suficiente para suscitar uma nova música? Talvez não, mas também se pode perguntar: poderá haver um jazz, e para mais ainda um *free jazz* (tão determinado que este é pelos histrionismos performativos), sem ego? Cene Resnik não tem uma resposta para esta dúvida, pelo simples facto de que a questão não o preocupa. O que lhe interessa é a confirmação de uma das perceções do budismo que a improvisação lhe traz: a impermanência de tudo o que existe. No poema *A Origem do Som*, declara: «Deixei o vaso da ignorância / Observando os meus pensamentos e emoções, / Compreendendo que nada é permanente.» Aí lamenta também que «poucos saibam, até entre músicos, / de onde vem o som / e em que é que o som se dissolve». Esse ponto originário e esse sítio que leva os sons são um e o mesmo: o momento. Só no momento «os pianísimos se tornam / grandes e vastas paisagens»...

A improvisação é a música do momento e é a perceção do momento

que a meditação transcendental dos tibetanos permite a Resnik – as suas técnicas tem-nas aprendido com o mestre Lho Ontul Rinpoche. Uma prática beneficia a outra. «O meu som está sempre a mudar e não podia ser de outra forma. Nem as rochas são permanentes. Tudo na natureza está em constante transformação. A contemplação permite-me ser mais espontâneo e estar presente no momento. Uma onda do oceano que se levanta para logo depois recuar, é isso o momento e é assim que eu quero tocar, sendo completamente livre, natural e criativo. O único limite que existe para a música improvisada é a imaginação», diz. Esta, no seu caso, foi treinada a expandir-se, pois estamos diante de um cultor da arte da extrema concentração mental: «Utilizo-a em qualquer circunstância, como andar, nadar ou conversar, mas é-me particularmente grata quando improviso com o meu saxofone. Este é um instrumento de sopro, de vento. Uso o sopro do meu corpo para controlar a energia do vento. E o som também é energia, pelo que este processo me liga totalmente ao universo.»

Pouco, neste lado da Europa, conhecemos do jazz criativo que acontece na Eslovénia, mas estes três improvisadores transcenderam já as fronteiras daquele pequeno país que resultou do desmembramento da Jugoslávia. Cene Resnik talvez seja um dos seus mais internacionalizados protagonistas, tendo estudado com figuras de topo como Archie Shepp e Joe Zawinul. Gravou um disco português, lançado pela Clean Feed, em que o ouvimos ao lado do violinista italiano Emanuele Parrini. Grom tem surgido

nos circuitos mundiais com nomes de referência como o saxofonista alto Sonny Simmons, o saxofonista soprano Michel Doneda, o percussionista Seijiro Murayama e o acordeonista Jonas Kocher. O seu timbre profundo de contrabaixo tem sido comparado com o de Barry Guy, afiançando alguma imprensa especializada que com vantagem em relação ao inglês. Drašler colaborou já com a cantora Linda Sharrock e é membro da Kombo Kombo, a orquestra do mais famoso músico esloveno de jazz de sempre, Zlatko Kaučič. As repetidas vindas a Portugal deste em décadas passadas muito contribuíram para o desenvolvimento do que por cá se faz.

Não sendo eles próprios devotos da *mindfulness* Zen, Tomaž Grom e Vid Drašler aderem por inteiro, nos Trojnik, à sua filosofia. Estão entre os melhores músicos da Eslovénia, têm discos publicados a solo, são objeto de culto, mas nenhuma ilusões de grandeza os corromperam. Também eles acreditam, como Resnik, que «o *show off* musical conduz à perda de rumo», e como Resnik afinam a sua motivação «de modo a que os outros / possam ouvir o seu coração e não o seu ego». Através da música, o que pretendem é que «todos aprendamos a improvisar» nas nossas existências, não no sentido de nos safarmos como pudermos das situações (é esse o significado que em Portugal tem a palavra “improviso”), mas de nos consciencializarmos, de percecionarmos a realidade de outro modo (*dharm*a, a realidade-em-si) e de nos relacionarmos com esta dando um maior sentido aos nossos atos / improvisações.

Ou seja, os Trojnik não vêm apenas fazer um concerto, mas também dar um exemplo de como melhor nos governarmos no mundo que está para além da música...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## Vid Drašler

bateria

Antigo aluno de Zlatko Kaučič, Vid Drašler tem dividido o seu percurso entre o rock, o jazz e a improvisação livre. Pertence à *big band* Kombo Kombo, liderada por Kaučič, ao coletivo de canções não-tão-óbvias-quanto-isso Orkestrada, ao trio Drašler-Karlovec-Drašler, notabilizado pela sua abordagem *noise* da música improvisada e ao recém-estreado VD Septet, mais conotado com o *free jazz*. Compõe ainda para teatro, tem atividade como pedagogo e é curador de eventos culturais na cidade de Vrhnika.

## Tomaž Grom

contrabaixo, eletrónica

Talvez o mais internacionalmente reconhecido membro dos Trojnik, dadas as suas colaborações com músicos como Nate Wooley, Michel Doneda, Sonny Simmons, Christine Sehnaoui ou Seijiro Murayama, Tomaž Grom vem procurando igualmente “estender” as possibilidades do contrabaixo, por vezes recorrendo a processamentos eletrónicos, numa perspetiva não-académica. É ainda o diretor artístico da Zavoid Sploh, uma associação dedicada às artes performativas e à música que vive do palco, a improvisada.

## Cene Resnik

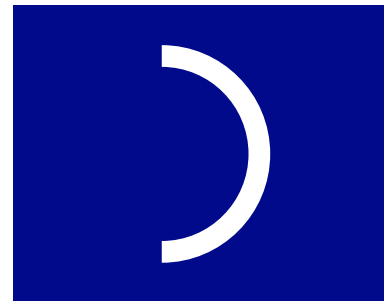
saxofone tenor

Com estudos formais de jazz no Conservatório Regional de Klagenfurt, Cene Resnik depressa se desviou para as tendências mais experimentais, valorizando especialmente o fator improvisação e o potencial deste para libertar a música de quaisquer molduras. O seu foco está na exploração das potencialidades do saxofone tenor, sempre procurando ultrapassar os limites físicos e de léxico do instrumento por meio do uso de técnicas inovadoras. Para esse objetivo, aplica os recursos da meditação budista, de modo a estar mais “no momento”.

## Próximo evento

# Doclisboa 2016

14.º Festival Internacional de Cinema



**Cinema De qui 20 a dom 30 de outubro**

Grande e Pequeno Auditórios · 11h – 23h · M12

O programa do festival está disponível em [www.doclisboa.org](http://www.doclisboa.org).

## Próximo espetáculo de música

# Hamar Trio

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

© Peter Gannushkin © Nuno Martins © Nuno Martins



**Jazz Sex 18 de novembro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Música improvisada, em estreia, por um grupo de fortes personalidades, com provas dadas em carreiras consolidadas. Com estes artistas podemos esperar uma componente melódica forte, dentro do que se costuma chamar de *free jazz*.

Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Delfim Sardo

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

#### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do  
Cego nº50, 1000-300 Lisboa  
21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)